

DE TAUNAY (1914) A VIOTTI (1956): CONTRASTES DE UMA DICIONARIZAÇÃO DO LÉXICO BRASILEIRO

Ivan Pedro Santos NASCIMENTO¹

RESUMO: Pretende-se, neste artigo, apresentar uma comparação entre duas obras lexicográficas de língua portuguesa que se propuseram, no século XX, a descrever e destacar o léxico brasileiro e suas particularidades sociolinguísticas, com o objetivo de investigar três aspectos do projeto de dicionarização de cada trabalho: estrutura, fontes e sistema de marcas de uso. O primeiro dicionário é o “Léxico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza” (1914), de Afonso de Taunay, que, nas palavras do autor, descreve-se como um “LÉXICO de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de accepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da língua portugueza” (TAUNAY, 1914, p. 7). A segunda obra é o Novo Dicionário da Gíria Brasileira (1956), de Manuel Viotti, um suplemento lexicográfico que teve por missão “inserir material já catalogado em outros dicionários e vocabulários cujo rol vai mencionado na Bibliografia anexa, salvo quando não figuravam ainda nos grandes léxicos da nossa língua” (VIOTTI, 1956, p. 9). O estudo fundamenta-se em Atkins e Rundell (2008), Burkhanov (1998), Hartmann e James (2002) e Welker (2011). A metodologia consistiu na comparação das propostas das obras e suas respectivas estruturas, identificação das fontes e levantamento, descrição e, por fim, contraste das marcas de uso empregadas em verbetes. Como resultados, observa-se que: a) a construção semelhante das obras é orientada por uma pauta da Academia Brasileira de Letras (ABL); b) as fontes lexicográficas do Léxico de lacunas oferece destaque para as obras, enquanto o Novo Dicionário da Gíria Brasileira enfatiza a autoria; c) o Léxico de lacunas apresenta 90 marcas de uso e o Novo Dicionário da Gíria Brasileira 99 marcações.

PALAVRAS-CHAVE: léxico de lacunas; novo dicionário de gíria brasileira; lexicografia comparativa; lexicografia dialetal; brasileirismos.

ABSTRACT: The aim of this article is to present a comparison between two Portuguese-language lexicographical works that proposed, in the 20th century, to describe and highlight the Brazilian lexicon and its sociolinguistic particularities, with the purpose of investigating three aspects of the dictionization project of each work: structure, fonts and usage labels system. The first dictionary is the “Léxico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza” (1914), by Afonso de Taunay, that, in the author's words, it is described as a “LÉXICO de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de accepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da língua portugueza” (TAUNAY, 1914, p. 7). The second work is the Novo Dicionário da Gíria Brasileira (1956), by Manuel Viotti, a lexicographical supplement whose mission was “inserir material já catalogado em outros dicionários e vocabulários cujo rol vai mencionado na Bibliografia anexa, salvo quando não figuravam ainda nos grandes léxicos da nossa língua” (VIOTTI, 1956, p. 9). The study is based on Atkins and Rundell (2008), Burkhanov (1998), Hartmann and James (2002) and Welker (2011). The methodology consisted of comparing the proposals for the works and their respective structures, identifying the sources and surveying, describing and, finally, contrasting the usage marks used in entries. As a result, it is observed that: a) the similar construction of the works is guided by an agenda of the Brazilian Academy of Letters (ABL); b) the lexicographic sources of the Léxico de lacunas highlight the research source, while the Novo Dicionário da Gíria Brasileira

¹ Mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia. E-mail: ips.nascimento@hotmail.com OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-9255-696X>

emphasizes authorship; c) the *Léxico de lacunas* has 90 usage labels and the *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* 99 usage marks.

KEYWORDS: léxico de lacunas; novo dicionário de gíria brasileira; comparative lexicography; dialectal lexicography; brazilianisms.

Introdução

Pretende-se, neste trabalho, apresentar uma comparação entre duas obras lexicográficas de língua portuguesa que se propuseram, no século XX, a descrever e destacar o léxico brasileiro e suas particularidades, sob a égide da representatividade linguística e de construção de uma identidade nacional.

O primeiro dicionário é o *Léxico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza* (1914), de Afonso de Taunay, que, nas palavras do autor, descreve-se como um “LÉXICO de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de accepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da língua portugueza” (TAUNAY, 1914, p. 7). Segundo Horta Nunes (2008, p. 62), a obra de Taunay se situa em um período em que “ainda não haviam surgido os grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa”, revelando em seu trabalho um discurso de denúncia a uma produção nacional incipiente e de crítica aos dicionários portugueses tomados como obras de referência, embora carentes de representatividade de uma norma lexical brasileira.

Os aspectos norteadores para a construção da obra, expressos no prefácio intitulado *Duas Palavras*, relacionam-se ao contato com o *Diccionario da Língua Portugueza* (1899), de Cândido de Figueiredo, e a *Encyclopedia Portugueza Illustrada* (1860-1923), de Maximiano de Lemos, dos quais efetuou uma crítica às estimadas cinco mil lacunas detectadas no vocabulário técnico e científico das duas obras e observou uma carência de incorporação de brasileirismos, de modo que, não se reservando apenas ao exercício metalexográfico, Taunay construiu um dicionário. Nessas circunstâncias, é descrito que:

[...] procurou o autor do presente e muito modesto suplemento aos grandes dictionarios da língua, averbar indistintamente, todos os termos ainda não inventariados pelos lexicographos, de que teve conhecimento, sem preocupação alguma de ordem philologica (TAUNAY, 1914, p. 10-11).

Por outro lado, o *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* (1956), de Manuel Viotti, o segundo objeto de investigação e comparação em relação ao *Léxico de lacunas*, configura-se como um suplemento lexicográfico que teve por objetivo “inserir material já catalogado em outros dicionários e vocabulários cujo rol vai mencionado na Bibliografia anexa, salvo quando não figuravam ainda nos grandes léxicos da nossa língua” (VIOTTI, 1956, p. 9). Esse trabalho contou com duas edições, a primeira no ano de 1945 e outra em 1956, tomando como ponto de partida uma missão institucional da Academia Brasileira de Letras, que, desde a sua fundação, em 1897, sob a liderança de Machado de Assis, urgia a construção de um dicionário de brasileirismos.

Viotti, no prefácio da primeira edição, retoma o discurso acadêmico de Mário de Alencar, de 3 de dezembro de 1918, situando o seu esforço lexicográfico em um embate entre **puristas** e **humanistas**, tendo em vista a incorporação e sistematização do léxico brasileiro no tocante às gírias, que podem ser entendidas como o léxico popular

caracterizador de grupos e comunidades linguísticas. Conforme Mota, Cerqueira e de Azevedo (2017), nesse panorama do século XX,

[...] já tínhamos a garantia de um Estado, conseqüentemente, houve um deslocamento político da língua que antes estava sob o domínio da colônia portuguesa, para se constituir enquanto elemento de afirmação de uma língua “genuinamente” elaborada em território brasileiro. (MOTA, CERQUEIRA E DE AZEVEDO, 2017, p. 556).

Por exemplo, um reflexo desse momento é o próprio amparo que Viotti busca em **A expansão da língua portuguesa no mundo**, de Teixeira Soares (1943), texto que situa o Brasil entre as nações ocidentais e o status da língua portuguesa em termos demográficos, quando justifica sua tarefa da seguinte forma: “se, pois, ela [a língua portuguesa] se expande assim no universo, é conveniente que se estude a sua expansão dentro da sua unidade idiomática” (VIOTTI, 1956, p. 10, adaptado).

A partir do contexto, das condições de produção de cada obra lexicográfica e as premissas que vão nortear uma reflexão metalinguística e uma sistematização de um léxico, aspectos que despertam curiosidade são o modo como variedades do português brasileiros seriam contempladas em um dicionário, quais seriam as bases materiais para fundamentar o exercício lexicográfico e quais dispositivos seriam mobilizados nessa para evidenciar as dimensões sociolinguísticas e as condições de emprego do léxico registrado.

Destarte, no esteio da lexicografia, mais precisamente da lexicografia comparativa, serão contrastadas as propostas das obras e suas respectivas estruturas, será construída uma breve discussão das fontes indicadas por cada autor e, por fim, serão examinados os dispositivos criados para assinalar as dimensões sociolinguísticas dos itens lexicais, que se materializam nas marcas de uso. Esta iniciativa tem o objetivo de desenvolver uma crítica que englobe aspectos macroestruturais e um item de microestrutura para entender até que ponto os dicionários se aproximam e se distanciam, ainda que guiados pelo mesmo espírito lexicográfico de salvaguardar o patrimônio lexical como elemento constitutivo de uma identidade brasileira.

Um pouco sobre léxico, sociedade e dicionários

Nesta seção do artigo, será discutida a relação entre o léxico de uma língua e os valores sociais subjacentes ao exercício lexicográfico para a construção de uma obra de referência. Nesse sentido, é importante considerar os dicionários, assim como as gramáticas, como obras metalinguísticas complementares que, aos seus consulentes, fornecem um acesso sistematizado às línguas e auxiliam no ensino-aprendizagem e no reconhecimento de normas.

Sobre a relação entre léxico, sociedade e dicionários, Atkins e Rundell explicam que:

[...] um dicionário é uma descrição do vocabulário usado por membros de uma comunidade de fala (por exemplo, por “falantes de inglês”). E o ponto de partida para essa descrição é evidência do que os membros de uma comunidade

de fala realizam quando se comunicam uns com os outros. (ATKINS; RUNDELL, 2008, p. 2, tradução nossa)².

Em linhas gerais, pode-se definir o léxico como o repertório de vocábulos de uma língua, revelando-se como uma instância aberta e renovável, não só pelo papel que exerce na prática sociocomunicativa, mas também pela influência dos cenários linguísticos em que os falantes estão inseridos. Biderman (2001, p. 178) conceitua o léxico da seguinte forma:

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e re-elaboração contínua do Léxico de sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico, se expande, se altera, e, às vezes, se contrai. As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares; daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 178).

Tendo em vista os diferentes domínios em que o léxico se inscreve e suas possibilidades de estruturação e reestruturação ao longo do tempo, por influências socioculturais, há de se considerar como importantes as observações de fenômenos inerentes às línguas, como a própria ideia de variação, no sentido de entender a constituição desse repertório e seu uso. Note-se que o próprio reconhecimento e a representatividade de uma norma lexical brasileira em instrumentos lexicográficos, incorporando suas diferenças e peculiaridades em oposição à norma lusitana, constituem aspecto importante para a discussão das obras de Taunay (1914) e Viotti (1956).

Compreende-se a variação como um fenômeno natural das línguas em que se tem ocorrência de variantes, isto é, formatos diferentes para um mesmo valor de referência ou as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2001, p. 8). Notadamente, esse fenômeno ocorre em diferentes níveis de análise, mobilizando diferentes fatores para a sua expressão na língua.

Quando se observam os produtos lexicográficos, essa variação pode ser qualificada e incorporada através de estratégias lexicográficas que podem se dar no âmbito de uma microestrutura ou de uma macroestrutura, que são termos relacionados ao processo de construção de uma obra de referência linguística, em que o primeiro se refere ao planejamento de seleção de *corpora*, objetivos, meta(s), público-alvo, a que se somam os textos dicionarísticos específicos, e o segundo ao planejamento interno de um verbete, levando em conta suas propriedades, que se revelarão através de itens, e de suas roupagens, isto é, os indicadores.

A teorização e a elaboração de dicionários pertencem ao domínio científico e técnico da lexicografia, que, ao longo dos séculos, assumiu os estatutos de arte, técnica,

² [...] a dictionary is a description of the vocabulary used by members of a speech community (for example, by ‘speakers of English’). And the starting point for this description is evidence of what members of the speech community do when they communicate with one another.

prática, saber, ciência e disciplina. Welker (2011) demonstra clareza ao preferir também uma separação mais clara entre teoria e prática, atribuindo estatutos de técnica e ciência individualmente e seus produtos, quando explica que

[...] a palavra lexicografia refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos lexicografia prática e lexicografia teórica.

Na lexicografia prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários. [...] Ela é uma técnica — e também uma prática — para a qual se precisa de muita ciência (num outro sentido, a saber, “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”), pois quem elabora, ou compila, um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário.

Já na lexicografia teórica, cada vez mais chamada de metalexicografia, estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários. Essa área, sim, pode ser considerada uma ciência (na primeira das acepções citadas). Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados. (WELKER, 2011, P. 30-31)

À vista disso, é importante lembrar que, a partir do momento em que se pretende apresentar uma comparação entre duas obras lexicográficas de língua portuguesa, no sentido de examinar as propostas e suas estratégias de sistematização do léxico, a presente pesquisa, dentro do panorama descrito por Welker (2011), se inclina diretamente à lexicografia teórica ou metalexicografia.

Ainda que as minúcias de uma obra de referência linguística nem sempre constituam um objeto de interesse para um consulente, convém salientar que os dicionários não são iguais uns aos outros e nem sempre são fiéis ao que seus títulos propõem. Sob esse viés, a lexicografia teórica se apoia em exercícios básicos como a descrição, a comparação, a avaliação e a teorização de tipos de obras lexicográficas para fornecer, em termos práticos, um conhecimento especializado que permita produzir objetos cada vez mais eficientes e refinados e descrever estratégias produtivas e improdutivas ao longo de uma história lexicográfica.

Ademais, dicionários são obras de referência linguística forjadas para resolver problemas linguísticos, que, por sua vez, situam-se em um contexto sociocultural, que exerce pressões no conjunto de possibilidades de uma língua e valores na seleção de determinados elementos, seja na escrita ou na oralidade. Nesse sentido, constituem-se também objetos sociais e ideológicos. Borba (2003, p. 309) inclusive destaca que “um dicionário de língua, como produto cultural e instrumento pedagógico, resulta de um olhar sobre a estrutura e o funcionamento do sistema linguístico num determinado momento da vida de uma sociedade”.

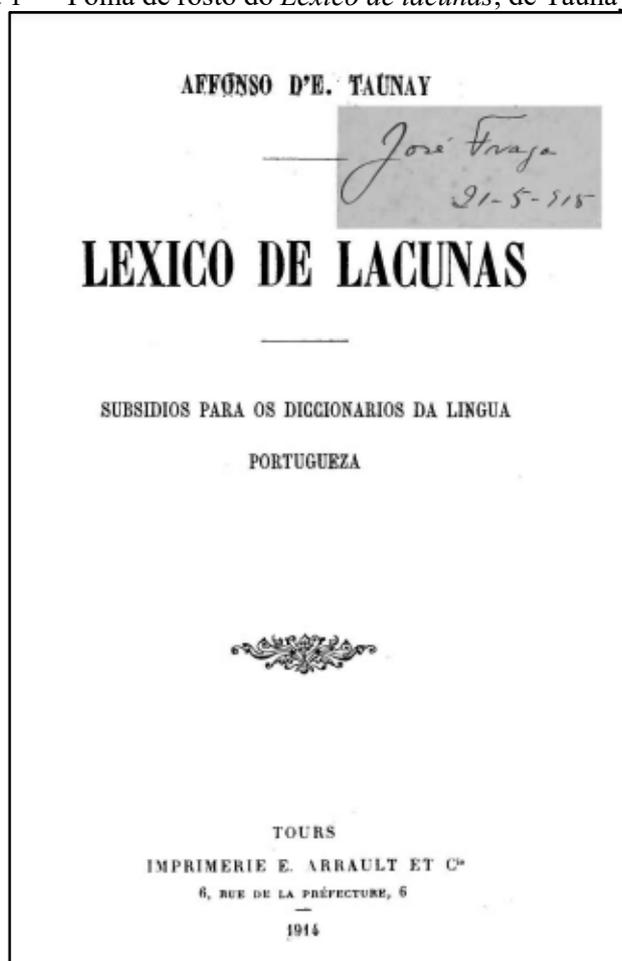
Uma vez situada a relação entre o léxico de uma língua e os valores sociais subjacentes ao exercício lexicográfico para a construção de uma obra de referência linguística, serão descritos a seguir os procedimentos metodológicos para a pesquisa nos dois dicionários, tendo em vista a comparação das propostas das obras e suas respectivas estruturas, a identificação das fontes e levantamento dos dados e a descrição e contraste das marcas de uso empregadas.

Questões teórico-metodológicas para a pesquisa em dicionários

Nesta seção do artigo, serão apresentados os dispositivos metodológicos que permeiam a análise das duas obras lexicográficas e o amparo teórico mobilizado para fundamentar a investigação.

A priori, para o exame do *Léxico de lacunas* (1914), de Afonso de Taunay, impresso originalmente pela *Imprimerie E. Arrault et. Cie*, na cidade francesa de *Tours*, utilizou-se o arquivo digital do referido livro, que se encontra hospedado na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin³. O exemplar foi digitalizado em 2011 e, atualmente, integra o acervo de dicionários de língua portuguesa, permitindo não só a visualização, mas também a pesquisa textual. A figura 1 apresenta a folha de rosto da publicação supracitada.

Figura 1 — Folha de rosto do *Léxico de lacunas*, de Taunay (1914)



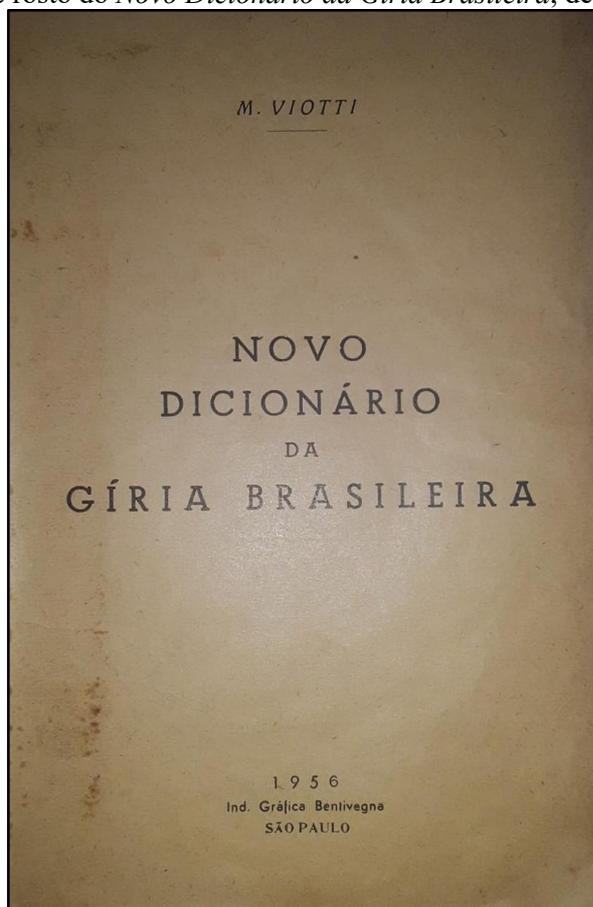
Fonte: Taunay (1914)

Por outro lado, para o exame do Novo Dicionário da Gíria Brasileira (1956), de Manuel Viotti, pela Indústria Gráfica Bentivegna, em São Paulo, território brasileiro, utilizou-se um exemplar em suporte impresso. A figura 2, por sua vez, apresenta a folha de rosto da obra de Viotti (1956) e convém salientar que o material analisado constitui

³ Link de acesso: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6962>>.

uma segunda edição revista e complementada de um *Dicionário da Gíria Brasileira*, publicado pela Editora Universitária, de 1945, do mesmo autor.

Figura 2 — Folha de rosto do *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*, de Viotti (1956)



Fonte: Viotti (1956)

Com o objetivo de investigar a estrutura das obras, as fontes selecionadas e o sistema de marcas de uso, adota-se a perspectiva da Lexicografia Teórica. Nesses termos, fundamenta-se a pesquisa em Atkins e Rundell (2008), Burkhanov (1998), Hartmann e James (2002), Sterkenburg (2002) e Welker (2011), no sentido de compreender a lexicografia teórica, em perspectiva comparativa, o dicionário como obra lexicográfica e sua estruturação, tanto em dimensão material, como subjetiva; e em Figueiredo (2015), Oliveira (2017), Vilairinho (2017) e Nascimento (2020), no que concerne à sistematização e análise de marcas de uso diatópicas em dicionários dialetais e dos brasileirismos em dicionários gerais do português.

Em relação ao percurso metodológico, houve uma leitura preliminar dos livros, no sentido de identificar sua organização como obra lexicográfica, o que se pode entender como *macroestrutura*, isto é, todo o planejamento de seleção de *corpora*, objetivos, meta(s), público-alvo, a que se somam os textos pré-dicionarísticos, intradicionarísticos e pós-dicionarísticos, conhecidos na tradição lexicográfica norte-americana como *front matter*, *middle matter* e *back matter*. Além disso, procedeu-se um levantamento das fontes utilizadas e mencionadas pelos lexicógrafos, assim como um inventário das marcas de uso empregadas ao longo das obras.

termo, gíria, expressão, designação, forma, região (Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste), sertão, litoral e nomes de estados.

O estabelecimento dessa estratégia lexicomática de busca de marcas de uso por palavras afins e da pesquisa reversa na lista de abreviaturas de cada obra contou com a experiência do pesquisador na identificação de marcas de uso em dicionários dialetais, em Nascimento (2020), uma experiência de pesquisa a nível de mestrado, em que se percebeu um nível de recorrência desses termos em verbetes que continham o segmento informativo de interesse. Assim, as palavras-chave foram inseridas na ferramenta de buscas do documento digital do Léxico de lacunas (1914), oferecendo um ponto de partida para a coleta e sistematização dos dados, diferente do que aconteceu com o Novo Dicionário da Gíria Brasileira (1956) que demandou uma consulta completa, verbe por verbe.

Por fim, os dados foram projetados em um quadro de referência para a tipologia das marcas de uso, presente em Hartmann e James (2002, p. 168), no sentido de estabelecer classificações e comparações entre a sistematização de Taunay (1914) e Viotti (1956).

Quadro 1 — Tipologia de marcas de uso em Hartmann e James

<i>Tipo de marcação</i>	<i>Dimensão de uso</i>	<i>Exemplos de escalas</i>	<i>Termo popular para o vocabulário marcado</i>
Diacrônica	circulação (período)	arcaico/obsolescente (contemporâneo) novo/em voga	ARCAÍSMO/NEOLOGISMO
Diaevaluativa	afetividade (atitude)	apreciativo (neutro) depreciativo	EUFEMISMO/VULGARISMO
Diafrecuencial	frequência de ocorrência	básico (frequente) raro	VOCABULÁRIO BÁSICO / HÁPAX LEGOMENON
Diaintegrativa	assimilação (contato)	empréstimo (nacional) vernacular	ESTRANGEIRISMO/VOCABULÁRIO NATIVO
Diamésica	modalidade	escrito (neutro) falado	ESCRITA/ORALIDADE
Dianormativa	normatividade (padrão)	... (correto) incorreto	PURISMO/ BARBARISMO
Diafásica	formalidade (registro)	prestigiado/formal (neutro) informal/íntimo	ERUDITISMO/ COLOQUIALISMO
Diastrática	estilo (status social)	elevado (neutro) vulgar	CULTISMO/GÍRIA
Diatécnica	tecnicidade (domínio)	... ex. Botânica	JARGÃO
Diatextual	textualidade (gênero)	poético (neutro) conversação	?
Diatópica	regionalidade (dialeto)	... ex. Americano ...	REGIONALISMO (Americanismo, Britanismo etc.)

Fonte: Hartmann e James (2022, p. 168, tradução e adaptação nossa).

Em suma, a partir desses dispositivos metodológicos apresentados para a promoção da análise lexicográfica das duas obras e do referencial teórico indicado, espera-se construir um percurso científico adequado para os contrastes de uma dicionarização do léxico brasileiro.

De Taunay (1914) a Viotti (1956): contrastes de uma dicionarização do léxico brasileiro

Desenvolve-se, nesta seção, a análise e discussão dos dados. Os aspectos de estrutura, fontes e sistema de marcas de uso foram examinados a partir da comparação e contraste dos trabalhos de Taunay (1914) e Viotti (1956).

Comparação de propostas e estrutura

O *Léxico de lacunas, subsidios para os dictionarios da lingua portugueza* (1914), de Afonso de Taunay, como já apresentado anteriormente, descreve-se como um “LÉXICO de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no Estado de São Paulo, e de acepções de numerosos vocábulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da língua portugueza” (TAUNAY, 1914, p. 7).

O conjunto de verbetes se desenvolve da página 15 à página 223. Precedendo a nomenclatura, não há lista de abreviaturas, nem chaves de consultas que permitam identificar os recursos e as convenções lexicográficas básicas, como uma lista de abreviaturas, mas duas seções intituladas “Duas palavras” e “Bibliografia”, nas quais o autor revela expressivamente as motivações para a construção da obra e, posteriormente, as fontes de pesquisa.

Não ha quem, manuseando seguidamente os melhores e mais completos dictionarios portuguezes deixe de notar a avultada copia de lacunas que os tornam deficientes sobretudo quanto á terminologia technica e scientifica e aos brazileirismos. (TAUNAY, 1914, p. 9).

Procurou o autor do presente e muito modesto suplemento aos grandes dictionarios da língua, averbar indistintamente, todos os termos ainda não inventariados pelos lexicographos, de que teve conhecimento, sem preocupação alguma de ordem philologica. (TAUNAY, 1914, p.10-11).

A facilidade com que, no espaço de quatro annos, conseguimos, quasi sem esforço notável, ou pesquisas especiaes, nem grande dispendio de tempo, entre longas intermittencias, colleccionar mais de dez mil lacunas dos grandes léxicos portuguezes, constitue o mais seguro indicio de quanto é defficiente, ainda, o inventario da nossa lingua.

Oxalá possa o nosso insignificante trabalho excitar a curiosidade dos colleccionadores de brazileirismos das differentes zonas do paiz e incitalos á caçada dos provincianismos ao seu alcance, em resposta ao tão patriótico appello da Academia Brasileira, para que se opulente o patrimônio inventariado do idioma com as contribuições preciosas da linguagem brasilica. (TAUNAY, 1914, p.12).

É interessante observar que, em suas “Duas palavras”, Taunay (1914) situa seu trabalho em um clima de crítica à produção dicionarística, colocando, em primeiro lugar, o vocabulário técnico-científico para, em seguida, deter-se à questão dos brasileirismos, isto é, do léxico brasileiro e de suas particularidades. Informações relativas à microestrutura apresentam-se de modo disperso nessa mesma seção, referindo-se basicamente ao emprego de nomenclatura científica para esclarecer a referência a nomes de animais e vegetais, exemplos que permitam identificar as condições de emprego, e indicações de fontes e páginas de localização.

Por outro lado, o *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* (1956), de Manuel Viotti, o segundo objeto de investigação e comparação em relação ao Léxico de lacunas, configura-se como um suplemento lexicográfico que teve por objetivo “inserir material já catalogado em outros dicionários e vocabulários cujo rol vai mencionado na Bibliografia anexa, salvo quando não figuravam ainda nos grandes léxicos da nossa língua” (VIOTTI, 1956, p. 9). Esse trabalho contou com duas edições (1945, 1956) e toma-se aqui, como objeto de descrição, a segunda edição.

O conjunto de verbetes se desenvolve da página 23 à página 446, sendo identificadas três partes: o vocabulário comum (p. 23-435), o vocabulário cigano (p. 437-442) e o vocabulário quimbundo (p. 443-446). Precedem a nomenclatura uma epígrafe, a Bibliografia de M. Viotti, dois prefácios, uma nota bibliográfica, um registro de ata intitulado Língua Brasileira, a relação de autores e obras utilizadas e uma lista de abreviaturas e três sinais convencionados. O livro conta inicialmente com uma epígrafe, abordando a relação entre a língua, o povo e o uso a partir de referências a James Darmesteter, Varrão e Platão, situando a perspectiva adotada em sua obra lexicográfica.

Le peuple, observou Darmesteter, “est souverain en matière de langage”; “populus in sua potestate singuli in illius” — dissait Varron, et, avant lui, Platon: “Le peuple est, en matière de langue, un très excellent maître”.
Ao gramático, é claro, cumpre apenas reconhecer o ato, pois “la loi du langage est l’usage”. (VIOTTI, 1956, p. 5).

Por conseguinte, através de uma estratégia aparente de legitimação do autor, apresenta-se uma “Bibliografia de M. Viotti”, listando vinte e seis trabalhos publicados no período de 1896 a 1945, da qual se percebe que a discussão sobre a língua possui um caráter muito recente, haja vista a quantidade de publicações dedicadas à área criminalística e jurídica.

A obra conta com dois prefácios, sendo o primeiro dedicado a justificar a construção do trabalho, impregnado por uma aura missionária da Academia Brasileira de Letras, inclusive fazendo referência a Afonso de Taunay, que é descrito como **um grande vernaculista**.

Nesta recolta de verbetes, que nos absorveu longas fadigas de alguns anos de constante e porfiado labor, procuramos não fazer obra feita; vale dizer, inserir material já catalogado em outros dicionários e vocabulários cujo rol vai mencionado na Bibliografia anexa, salvo quando não figuravam ainda nos grandes léxicos da nossa língua. E o fizemos quanto possível. Mesmo por quê: “Certamente, é absurdo que um Dicionário seja completo quando, dia a dia, surgem os neologistas necessários a reclamar insistentes foros de cidadania”, na boca e autorizada afirmação do nosso grande vernaculista Afonso de E. Taunay.

Este dicionário não trata apenas dos verbetes da gíria nacional, pois, à medida que os colecionávamos, controlando-os com os mais recentes dicionários da nossa língua, encontrávamos repetidas lacunas de palavras, modismos, expressões que, não sendo propriamente da gíria popular, mereciam citados neste glossário, uma vez que não estavam ainda mencionados nos supra referidos dicionários. (VIOTTI, 1956, p. 9).

Por sua vez, o segundo prefácio possui um caráter mais técnico relacionado à organização da obra, emprego de marcas de uso diatópicas e agradecimentos aos colaboradores, que têm seus nomes e regiões de proveniência indicados.

Na organização deste Dicionário foram consultadas as obras arroladas em anexo, e nelas o autor respigou o que lhe pareceu oportuno respigar; eis que numerosos verbetes não se achavam ainda catalogados nos vocabulários e léxicos editados até 1949.

Se admitíssemos para os verbetes (e são alguns milhares deles) a indicação de zonas onde encontrá-los o livro atingiria um acréscimo sensível de páginas que o custo do papel, já majorado de 400%, não aconselharia, sem risco de encarecer ainda mais o preço da obra.

Sempre que possível, fez-se a indicação do Estado, zona ou local onde se colheu o verbete ou, então, o nome do autor e o título do livro ou publicação donde foi extraído.

E o autor ficará muito sensibilizado e grato por qualquer observação, correção, emendas ou achegas que ocorrerem cabíveis nesta edição.

Merecem citados como colaboradores prestimosos os seguintes: Sr. Cônego Prof. José do Patrocínio Lefort, d. d. Chanceler do Bispado de Campanha de Minas, sr. J. L. Alvares Rubião, publicista e jornalista com apreciável fôlha de serviços em Varginha (Minas), sr. Oswaldo Guisard, de Taubaté (S. Paulo) o bancário sr. N. Silveira Junior, de Itajai (Santa Catarina) o cineasta Sr. Angelo Mendes de Almeida, de São Paulo, o advogado sr. Armando Campos Toledo, de S. Paulo, e muito particularmente o sr. José Cruz Medeiros, da Capital Federal, pêla espontânea e muito valiosa cópia de algumas centenas de verbetes, colhidos e seguramente definidos, contribuições estas que constituem o que de melhor e mais recente enriquece o nosso livro. (VIOTTI, 1956, p. 11)

Posteriormente, em Bibliografia, são apresentadas considerações em torno das obras examinadas e da observação de omissões e lacunas. Em Língua Brasileira, encontra-se uma ata da Academia de Letras, de uma sessão de 14 de agosto de 1946, no que diz respeito a um posicionamento sobre a discussão em torno da língua nacional.

Em abreviaturas utilizadas, sistematizam-se as formas reduzidas de palavras ou expressões frequentes no texto, uma observação relacionada a definições de termos chulos em latim, que expressam certo tabu linguístico por parte do lexicógrafo ao tratar do léxico do corpo humano, e de três sinais convencionais de uso restrito.

Fontes

Entende-se aqui como fonte a relação de obras consultadas e utilizadas como matéria-prima linguística e fundamentação teórico-metodológica, pelos autores, para a construção de suas obras lexicográficas, tanto na acepção atual de referência, como também de *corpora* escritos.

O repertório mobilizado por Taunay (1914), em seu léxico, é majoritariamente situado no campo técnico-científico, contando com um fundo literário bastante expressivo

do próprio autor e uma nota sobre colaboradores, dos quais destaca a figura de Eurico Teixeira Leite, como se pode observar no quadro 2.

Quadro 2 — Bibliografia do Léxico de lacunas (1914), de Afonso de Taunay

- *Boletim mensal da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; As madeiras do Estado de São Paulo*, pelo Dr. Huascar Pereira;
- *O Diccionario de Botânica*, de Arruda Câmara;
- *Sertum Palmarum*, de Barbosa Rodrigues;
- *Ensaio de matéria médica vegetal*, pelo Dr. Mello Oliveira;
- os catálogos das exposições parciais dos diversos Estados, durante a Exposição Nacional de 1908, *Monographias Agrícolas*, ao Dr. Joaquim Carlos Travassos;
- *O Pará em 1900*;
- *O Maranhão em 1896*, publicações officiaes, *Innocencia, Scenas de Viagem; Historias Brasileiras; Viagem de regresso* do Visconde de Taunay;
- *A caça no Brazil Central*, pelo major Henrique Silva;
- *Lepidopteros do Brazil*, por Benedicto da Silva;
- *As aves do Brazil, Álbum de Aves Amazônicas*, os *Mammiferos do Brazil*, pelo Dr. Emilio A. Goeldi;
- *Diccionario da Província do Espírito Santo, Diccionario da Província do Maranhão*, do Dr. César Augusto Marques;
- excerpτος do *Diccionario de brazileirismos*, do Dr. Ermelino de Leão;
- *Pescas e peixes da Bahia*, pelo Almirante Alves Câmara;
- *Apointamentos sobre a província de São Paulo*, de Azevedo Marques;
- *As Missões Orientaes* do Dr. Hemeterio Velloso da Silveira;
- *Diccionario de Marinha*, pelo Barão de Angra;
- *Inferno Verde*, de Alberto Rangel;
- *Os Sertões*, de Euclides da Cunha;
- *A Chapada Diamantina*, de Theodoro Sampaio;
- *Memória sobre a Província de Santa Catharina*, de Coelho e Galvão;
- *Terra de Sol*, de Gustavo Barroso;
- *Viagem ao Alto Tocantins*, pelo Dr. Ignacio de Moura;
- *Viagem ao Madeira*, pelo Conego Francisco Bernardino de Souza;
- *O Brazil*, publicação do Centro Industrial do Brazil,
- numerosas memórias insertas nas collecções da *Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, da *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, da *Revista do Museu Paraense*, da *Revista do Museu Paulista*, dos *Archivos do Museu Nacional*,
- dos relatórios da *Commissão Geographico e Geológica* do Estado de São Paulo, da *Commissão demarcadora do novo Districto Federal*,
- das revistas dos Institutos Histórico e Geographico da Parahyba do Norte, do Ceará, do Archivo Mineiro,
- alem de avultado numero de obras de escriptores brazileiros, vivos e já desaparecidos, como se poderá ver das referencias a ellas feitas.
- Tivemos ainda preciosas informações de dedicados amigos, entre os quaes mencionaremos, sobretudo, o Snr. Dr. Eurico Teixeira Leite, de quem recebemos o mais valioso auxílio, e a quem somos summamente grato.

Fonte: Taunay (1914, adaptado).

Do outro ponto de vista, Viotti (1956), em um outro momento histórico, apresenta um levantamento bibliográfico maior para a construção de sua obra lexicográfica, reconhecendo trabalhos que se detiveram sobre o português brasileiro, dicionários, vocabulários dialetais e ainda inclui em suas fontes a presença de informantes situados geograficamente, como bem ilustra o quadro 3.

Quadro 3 — Bibliografia do Novo Dicionário da Gíria Brasileira (1956), de M. Viotti

Autores e suas obras donde extraídos os Verbetes

- A. A. DE SAMPAIO (dr.) – “A alimentação Sertaneja e do Interior da Amazônia”. 1944 – Prestou-nos concurso inestimável na recolha de duas centenas de verbetes que elucidam sobremaneira este vocabulário.
- A. TENÓRIO DE ALBUQUERQUE (Prof.) – “Falsos Brasileirismos” – Rio, 1946.
- AFRANIO PEIXOTO (dr.) – “Missangas” – São Paulo, 1931 – “Fruta do Mato”, 1920, e outras obras de sua copiosa bibliografia. Desta, em especial destaque, “Brasileirismos”.
- AGENOR LOPES DE OLIVEIRA (dr.) – “Vocabulário Indígena Carioca”, no jornal “A União – Rio, 1948, infelizmente interrompida a colaboração.
- AGENOR SILVEIRA – “Ouro de 24”.
- ALFREDO A. DA MATTA (dr.) – “Vocabulário Amazonense”. 1939, obra onde colhemos copioso cabedal.
- ALFREDO RICARDO DO NASCIMENTO – Ver Zé do Norte. – “Brasil Sertanejo”.
- ÁLVARES RUBIÃO (L.J.) “A pesca no Estado de Minas”, 112.
- IDEM (LUIZ JOSÉ) “O leão do Mar”, – Belo Horizonte, 1946.
- ALUIZIO DE ALMEIDA – “Linguagem Popular”, no “Est. de São Paulo”, 26-11-1947.
- AMADEU AMARAL – “O Dialeto Caipira” – S. Paulo 1920.
- AMANDO MENDES – “Vocabulário Amazônico” – S. Paulo, 1942. – Com a devida vênia, vamos reproduzir as palavras do Apêndice a esta obra de singular apreço, editada em São Paulo, em 1942:
- BARBOSA RODRIGUES dá nos das suas viagens ao rio Jauapery, ao tempo em que o eminente cientista brasileiro era diretor do Museu Botânico do Amazonas, extenso vocabulário, coligido das tribos dos Crichanás, Ipurucotós e Macuhys, na copiosa contribuição dessas nações indígenas do extremo norte, onde, como bem disse Hartt (1) em época remota, dispersou-se o grande tronco Tupi-guarani em considerável número de tribos, que, vivendo separadas umas das outras, desenvolveram no correr do tempo, hábitos, costumes, idéias religiosas e línguas mais ou menos diferentes”.
- ANTENOR NASCENTES (Prof.) – “O Linguajar Carioca em 1922”; “O Idioma Nacional” 1936, 4a edição; “Tesouro da Fraseologia Brasileira”, 1945.
- ARTHUR NEIVA (dr.) – “Estudos da língua nacional”, 1940.
- ARTHUR RAMOS (dr.) – “O Folk-lore Negro do Brasil” – Rio 1935 – Biblioteca de Divulgação Científica – vol. IV.
- AIRES DA MATA MACHADO FILHO – “Escrever Certo”, 1.a e 2.a séries – 1935 – “O Garimpo em Minas Gerais”.
- ARISTÓTELES XAVIER (tenente) – Monografia policial contendo verbetes da gíria ladra.
- AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA – Do notável “Glossário” da Edição Crítica de “Contos Gauchescos e Lendas do Sul”, de J. Simões Lopes Neto – Editora Globo, 1950.
- BEAUREPAIRE – ROHAN (Visconde de) – “Dicionário de Vocábulo Brasileiros” 1889.
- BASILIO MAGALHÃES (prof) – “O Folclore no Brasil”, Imprensa Nacional, 1939. Insere excelente glossário onde colhemos apreciáveis achegas.
- BERNARDINO J. DE SOUSA – “Dicionário da Terra e da Gente do Brasil”.
- CATULO DA PAIXÃO CEARENSE – Várias de suas obras poéticas.
- CLÓVIS ALVIM – “A gíria dos malandros” – “Folha de Minas Lite’raria”, n.o 22, de 5-12-1948. Ext. da tese “O folclore da prisão” ao 5.o Cong. Bras. de Psiquiat., Neurol. e Md. Leg. Rio.
- CORNÉLIO PIRES – “Mixordia”, “Cenas e Paisagens”, “Conversas ao pé do fogo”, “Quem conta um conto”, “Tá no bocó”, “Meu samburá”.
- DANTE DE LAYTANO “Linguagem dos Praieiros do Nordeste do Rio G. do Sul: “Os africanismos do Dialeto Gaúcho” – Pôrto Alegre – 1936 – Separata da Revis. do Inst. Hist. e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2.o 1.0 do ano XVI – Livraria do Globo, n.o 64.310.
- EDGARD SANCHES – “Língua Brasileira”, 1.o tomo, 1940 – Só foi editado esse tomo.
- E. DE COSTA LIMA – “O Filho da Cobra Grande” – 2.a ed. Rio, 1944 com vocabulário anexo.
- EDMYLSO PERDIGÃO – “Linguajar da Malandragem”. – Rio, 1940.
- ELYSIO DE CARVALHO – “Gíria dos Gatunos”.
- EUCLIDES DE ANDRADE – “Caipiras e Caipiradas”, “Ouça mais esta” etc.

- EUCLIDES DA CUNHA – “Os Sertões”.
- EXUPERO MONTEIRO – “Musa Matuta”.
- FAUSTO TEIXEIRA – “Vocabulário do Caipira Paulista” – na Revista do Arquivo Municipal (S. Paulo) vol. CXI, 1946, pgs. 67/104.
- GASTÃO CRULS – “Amazônia Misteriosa” e “Amazônia que eu vi”.
- GUSTAVO BARROSO – “Ao Som da Viola”, “Terra do Sol”, “O Sertão e o Mundo”.
- HAROLDO MARANHÃO – “Gíria do Jornal”, na “Folha do Norte” – Pará, de 11-8-46.
- HELIO LOBO – “O Português do Brasil”, no “Jornal do Commercio” de 20-2-1945.
- HELENA B. SANGIRARDI – “Alegria de Cozinhar” – S. Paulo – 1949 – contendo o Dicionário da Cozinha onde respigamos alguns verbetes, data venia.
- HELENA MORLEY – “Minha Vida de Menina” – Rio, 2.a edic. 1944.
- HERMANO RIBEIRO DA SILVA – “Nos Garimpos”.
- YAGO JOSÉ – “Briguela” – 1945.
- INÁCIO RAPOSO – “Provincialismos Maranhenses” in “Fanfarra”, Rio, 7-1-1937.
- JOÃO DORNAS FILHO – “A Influência Social do Negro Brasileiro” Editora Guaira, Curitiba – 1943 – Traz em anexo o “Vocabulário Quimbundo” constante de 102 verbetes – Com permissão do Autor, damos a conhecer esse interessante Vocabulário, genleza que nos sensibilizou sinceramente entre outras recebidas do operoso e consencioso rebuscador de fatos de nossa história a opulentar nossas letras com o ouro do bom quilate das suas catas históricas.
“Os Ciganos em Minas Gerais”. Rev. do Inst. Histórico e Geográfico de Minas, vol. 3.o, 1948 – Separata distribuída pelo Movimento Editorial Panorama – em 1949 donde extraímos o Vocabulário Cigano.
- JOÃO DE FREITAS – “Umbanda”, 1.a edição – Rio, 1941.
- JORGE DAUPIÁS – “O Dialeto Capiou” – Rio, 1932.
- JOSÉ CRUZ MEDEIROS – Algumas centenas de verbetes em 24 fls. datilografadas, contribuição que nos prestou auxílio muito apreciado e bastante valioso – Rio – 1947 – Rua Cândido Gafreé, 196.
- JOSÉ DE MESQUITA – (da Academia Matogrossense de Letras) “No Tempo da Cadeirainha”, Contos – Estante Matogrossense, vol. 5.o, 1946 Impresso na Editora Guaira, Ltda. – Curitiba.
- JOSÉ SATURNINO – (Prof.) – “Alguns Regionalismos Norte-Riograndenses”, – in “Lingua e Linguagem”, tomo 1. o Jan-Fev. 194 – p. 121/126, – publicado sob os auspícios da Academia Brasileira de Filologia – Rio.
- DO MESMO PROF. – “Pastilhas de Vernáculo”, Letra A. – Natal – D.E.I.P. 1944 – É monografia de valor glotológico – Lamentável que não viessem a lume as demais letras de obra assim meritória.
- LINCOLN DE ALBUQUERQUE – “A Vida dos Ladrões” – S. Paulo, 1922.
- MARIA PORTUGAL MILWARD – “Pão Alheio” – Rio, 1946; “Lendas do Brasil Maravilhoso”.
- MÁRIO BOUCHARDET – “Comentário do Dicionário da Língua Luso-Brasileira” – Rio Branco. Minas, 1930/1933.
- MÁRIO MARROQUIM – “A Linguagem do Nordeste” (Alagoas e Pernambuco). S. Paulo.
- MARQUES REBÊLO – “Marafa”, 2.a ed. Rio, 1947, com vocabulário anexo. 1934.
- NELSON DE SENNA – “Africanos no Brasil”, Belo Horizonte – 1938.
- NORBERTO SILVEIRA JÚNIOR – V. Informantes.
- ORLANDO MENDES DE MORAIS – “Dicionário de Sinónimos” – 2.a ed., S. Paulo, Agosto 1944.
- OSVALDO GUISSARD – “Os Torturados” S. Paulo – 1945.
- PACHECO JUNIOR – “Dialeto Brasileiro” – Rev. da Língua Portuguesa, tomo V.
- PAMPHILO MARMO (cap.) “Memórias Policiais”, muito interessante, relativas ao longo tempo em que o autor militou na Polícia de S. Paulo – P. Marmo e s/ Consorte d. Maria Isabel são os progenitores de Antoninho Marmo, nome que se aguarda incluído no Hagiológico Católico.
- PEDRO A. PINTO (dr. méd.) / “Brasileirismos e Supostos Brasileirismos” de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha” – Rio, 1931.
- PEREGRINO JÚNIOR (dr. méd.) – “Pussanga”, “Matupá”, “Histórias da Amazônia”.
- RAMOS DE FREITAS – Obra policial contendo gíria ladra.
- RAUL PEDERNEIRAS (prof.) – “Geringonça Carioca” (Verbetes para um dicionário de gíria) 1922 (1.a edic.) 1946, 2.a edic. acrescida de numerosos verbetes onde colhemos boa

messe.

- RAYMUNDO MORAES – “Os Ygaraunas”; “Meu Dicionário das Cousas Amazônicas” – Rio, 1931.
- RENATO DE MENDONÇA – “A influência Africana no Brasil” – São Paulo, 1934.
- RICARDO ARRUDA – “A Arte de Furtar no Jôgo” – S. Paulo, 1935.
- RODOLPHO GARCIA – “Dicionário de Brasileirismos – Peculiaridades Pernambucanas” – Rio, 1915 – “Na Planície Amazônica”.
- ROMAGUERA CORRÊA (J.) “Vocabulário Sul Rio-Grandense” – Porto Alegre – 1898.
- ROQUE CALLAGE – “Vocabulário Gaúcho” – Pôrto Alegre, 1926.
- SABINO CAMPOS – “Catimbó” – Rio, 1946.
- SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA – “Expressões do Populário Sertanejo – Vocabulário e Superstições” — S. Paulo, 1940 – “Folclore”, 1949.
- SOUZA CARNEIRO (A. J. de) – “Cassacos”, “Furundungo” – Rio, 1934. “Mitos Africanos no Brasil” – S. Paulo, 1937.
- TEIXEIRA SOARES – “Tradição e Cultura” no “Jornal do Commercio”, julho 1943.
- VALDOMIRO SILVEIRA – “Os Caboclos”, “Nas Serras e nas Furnas”, “Mixungos”, “Lereias”.
- VICENTE CHERMONT DE MIRANDA (dr.) – “Glossário Paraense” – Belém do Pará, 1905.
- VITTÓRIO BERGO (prof.) – “Erros e Dúvidas de Linguagem” – 1.a edç. – Rio, 1940, 2.a edç. (2 vls.) Rio, 1945.
- ZÉ DO NORTE – (pseudônimo de Alfredo Ricardo do Nascimento) – “Brasil Sertanejo” – ASA Editôra – Rio, 1948. – Inere copioso vocabulário nordestino, colhido diretamente no local.

Dicionários

- CALDAS AULETE (F. J.) – “Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa” – Lisboa 1.a edç. 1881. 2.a edç. 1892; .a edç. 1.o tomo, 1949.
- CÂNDIDO DE FIGUEIREDO – “Novo Dicionário da Língua Portuguesa” 3.a edç. – Lisboa, 1899 – a 4.a. e última edç. é de 1925, ano do falecimento do prof. C. de Figueiredo aos 79 anos de vida.
- SIMÕES DA FONSECA – “Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado da Língua Portuguesa” “Ediç. de 1926, refundida, acrescentada e melhorada pelo prof. João Ribeiro, da Acad. Brasileira de Letras; onde aliás, não se empossou de sua poltrona apesar de haver sido o primeiro imortal escolhido por eleição regimental.
- HAMILCAR DE GARCIA – “Dicionário de Espanhol – Português– 1943. Editado pela Livraria do Globo – Pôrto Alegre.
- NOVO DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS – de Jacob Bensabat – Lisboa, 1880.
- ANTENOR NASCENTES – “Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa” – edç. de 1932 – Rio.
- CARLOS TESCHAUER (Je. S. J.) – “Novo Dicionário Nacional” Porto Alegre, 1928.
- VISCONDE DE BEAUREPAIRE – Rohan – “Dicionário de Vocábulo Brasileiros” – Rio, 1889.
- PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO – Edç. da Academia de Letras – Imp. Nacional – Rio, 1945.
- DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS OCULTAS – Edição da Livraria do “Pensamento” – S. Paulo, 1947.

Vocabulários

- VOCABULÁRIO AMAZONENSE (Dr. Méd.) – Alfredo Augusto da Matta – Manaus – 1939.
- VOCABULÁRIO AMAZÔNICO (Estudos) – S. Paulo, 1942, da autoria de Amando Mendes.
- VOCABULÁRIO SUL RIO-GRANDENSE – de Luiz Carlos de Moraes.

Informantes

- Ari Martins – (Rio G. do Sul)
- Bento Ernesto Junior – (Minas)
- J. Anatolio de Lima – (Minas)
- Prof. Júlio de Faria e Sousa – (São Paulo)
- Prof. dr. Raul Pederneiras – (Rio)
- Oswald Guisard – (Taubaté - São Paulo)
- José Cruz Medeiros – (Rio)
- Norberto Silveira Júnior – (Itajaí - S. Cat.)
- J. L. Álvares Rubião – (Varginha - Minas)

- Cônego J. P. Lefort, do Bispado de Campanha – (Minas)
- Prof. Dr. Francisco da Silveira Bueno, catedrático de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade – (S. Paulo)

Fonte: Viotti (1956, adaptado).

O que se percebe, através dos contrastes bibliográficos, é que, enquanto o Léxico de lacunas oferece destaque para as obras, no sentido de validar seu esforço lexicográfico a partir de textos representativos de uma norma lexical brasileira, o Novo Dicionário da Gíria Brasileira enfatiza a autoria, em uma listagem que abriga diferentes livros de referência, dicionários, vocabulários e informantes, indicando uma representatividade do contributo a partir dos nomes envolvidos na pesquisa e de seus respectivos lugares de autoridade, seja de forma indireta, pelo acesso aos escritos, ou direta, sob a condição de colaboradores e informantes, algo que se percebe pelas notas explicativas elogiosas de determinadas fontes e pela atribuição de títulos e patentes, como um sinal de reverência.

Além disso, a lista de informantes situados geograficamente, presente em Viotti (1956), causa estranhamento, haja vista o projeto de construção de um dicionário brasileiro com amplitude que se volte a descrever usos populares com um número reduzido de informantes. Isso ocorre por uma lacuna de representatividade, visto que constam apenas onze informantes nomeados diretamente, todos do sexo masculino e pertencentes ao eixo Sudeste-Sul do Brasil, sem detalhamentos dos grupos sociais integrados, do grau de escolaridade de cada participante ou de cuidado especial no uso das fontes escritas para representar um conhecimento dialetológicos. Esses aspectos suscitam dúvidas em relação ao nível de fidedignidade do trabalho em função da densidade de obras consultadas e do baixo número de informantes para atestar as ocorrências linguísticas registradas.

Marcas de uso

Essencialmente, marcas de uso são itens lexicográficos da microestrutura de um dicionário que fornecem, ao consulente, as dimensões sociolinguísticas de um item lexical e suas condições de emprego no exercício sociocomunicativo por meio de rotulações convencionadas no âmbito do planejamento da obra lexicográfica, na macroestrutura, contando com a sensibilidade e a intenção do lexicógrafo sobre o corpus linguístico. Oliveira (2017, p. 37) classifica como “recurso microestrutural” que se manifesta na “necessidade de classificar um uso lexical dentro de um contexto, quando há uma gama de opções para serem selecionadas” (OLIVEIRA, 2017, p. 35-36) e Vilairinho (2017, p. 376) como “recursos lexicográficos para registrar lexemas que remetem a contextos de variação diacrônica, diatópica, diastrática, diafásica, entre outras”.

A observação das marcas de uso revela-se como um exercício eficiente para apreender o nível de intervenção sociolinguística que o lexicógrafo expressa em seu trabalho, pensando nas funções sociocomunicativas às quais o seu objeto se destina. No caso de Taunay (1914), verifica-se uma preocupação relacionada ao vocabulário técnico-científico e o registro de brasileirismos, enquanto Viotti (1956), em outro momento histórico, volta-se à gíria brasileira, pensando o léxico em diferentes estratos sociais. Note-se que o exame desse segmento informativo de dicionário apresentou produtividade pela alta frequência, o que permitiu um cotejo, que se materializa no quadro 4, idealizado a partir de Hartmann e James (2002, p. 168).

Quadro 4 — Comparação das marcas de uso empregadas em Taunay (1914) e Viotti (1956)

<i>Léxico de lacunas</i> (1914)	<i>Tipo de marcação</i>	<i>Novo Dicionário da Gíria Brasileira</i> (1956)
-	Diacrônica circulação (período)	Neologismo
Chulo , pejorativo, plebeísmo, plebeísmo cearense, termo injurioso no Oeste de São Paulo.	Diaevaluativa afetividade (atitude)	Burlesco, chulo , forma eufêmica, sentido depreciativo, vulgar.
Expressão muito popular no interior de São Paulo, forma usualíssima em São Paulo, forma usualíssima no Oeste de São Paulo, locução muito popular no Estado de São Paulo, popular , termo corrente em todo São Paulo, termo corrente no Oeste de São Paulo, termo corrente no E. do Paraná, termo corrente na Bahia, termo frequente no E. do Rio de Janeiro, termo frequentemente usado em construção, verbo corrente no Sul de São Paulo.	Diafrequencial frequência (ocorrência)	Muito em uso, popular .
Anglicismo corrente no Estado de São Paulo, galicismo, italianismo muito usual em São Paulo, italianismo corrente em São Paulo, termo francês , termo platino.	Diaintegrativa assimilação (contato)	Alemão, castelhanismo, caboclo, cigano, guarani, inglês, italianismo , língua geral, língua tupi, provincialismo luso, russo, verbete castelhano, verbete italiano, vocabulo francês .
Galicismo frequentemente usado na imprensa	Diamésica modalidade (meio)	-
-	Dianormativa normatividade (padrão)	-
Figuradamente , familiar, fraseologia infantil em São Paulo, linguagem familiar, figuradamente.	Diafásica formalidade (registro)	Figuradamente , sentido figurado.
Gíria, gíria carioca, gíria cearense, gíria de bandidos do R. G. do Sul, gíria de estudantes, gíria de marinheiros, gíria do interior do Estado de S. Paulo, gíria do Oeste de São Paulo, gíria fluminense, gíria paulista, gíria portuense.	Diastrática estilo (status social, grupo)	Gíria bancária, gíria de acadêmicos, gíria de caipiras ou capiaus, gíria de escolares, gíria de filatelista, gíria de garimpeiros, gíria de gatunos, gíria de jornalistas ou de tipógrafos da imprensa, gíria de pescadores, gíria dos colegiais, gíria esportiva, gíria marítima ou militar, gíria numismática, gíria portuguesa, gíria teatral, turfe.

Direito penal, mitologia tupi, termo de afoague, termo da carpintaria, termo de futebol, termo jurídico, termo jurídico corrente, técnica naval, topografia, veterinária, xadrez.	Diatécnica tecnicidade (domínio)	Agricultura, alpinismo, burocracia, ferraria, mecânica, náutica, pescaria, postal, termo de medicina, termo musical.
Alusão literária	Diatextual textualidade (gênero)	-
Amazonas , Amazônia, Bahia , Ceará , em certas regiões do Estado de São Paulo, Estado do Rio de Janeiro, Estado(s) do Norte, expressão do Oeste de São Paulo, forma do Brasil central, Goiás , Litoral baiano, Litoral sul baiano, Locução baiana, Maranhão , Mato Grosso, Minas, Minas Gerais, Norte , Norte do Rio Grande do Sul, Oeste de São Paulo, Piauí , região do Tocantins, Rio Grande do Sul, Sertões baianos, Sertões do Centro, Sertões do norte da Bahia, Sul de(a) Bahia, termo cearense, termo do centro de Minas, termo do centro de São Paulo, termo da zona do S. Francisco, termo do oeste de São Paulo , termo do Rio Grande do Sul, termo empregado na Paraíba do Norte, termo empregado no Rio Grande do Sul, termo goiano, termo goiense, termo paranaense, termo rio grandense, termo rio grandense do Sul.	Diatópica regionalidade (dialeto)	Alagoas, Amazonas , Bahia , brasileiro do Norte, Campinas, Campos, Ceará , Centro, Cuiabá, Distrito Federal, Espírito Santo, Estado do Rio de Janeiro, Fronteira boliviana, gauchismo, gaúcho, Goiás , ilha do Marajó, Juruá, Marajó, Maranhão , Mato Grosso, Minas Gerais , modismo paraibano, Nordeste, Nordeste do Rio Grande do Sul, Norte , Norte de Minas Gerais, Nova Odessa, Pará, Paraíba, Paraná, paulistismo, Pernambuco, Piauí , Portugal, regionalismo de Taquari, Rio Acre, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, rio Purus, Santa Catarina, Santos, São Borja, São Paulo , Sergipe, Taquari e municípios lindeiros, termo de Itirapina, termo regional sulino, vocábulo gaúcho.

Fonte: Elaboração própria.

A pesquisa sobre as marcas de uso no *Léxico de lacunas* (1914) permitiu a identificação de 90 rótulos, sendo um conjunto que apresenta a seguinte configuração tipológica, conforme Hartmann e James (2002), nos moldes de descrição do quadro 1: diaevaluativa (5), diafrequencial (11), diaintegrativa (6), diamésica (1), diafásica (4), diastrática (11), diatécnica (11), diatextual (1) e diatópica (40). Por sua vez, a partir do exame do *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* (1956), foram encontradas 99 marcações, que se distribuem em: diacrônica (1), diaevaluativa (5), diafrequencial (2), diaintegrativa (14), diafásica (2), diastrática (16), diatécnica (10) e diatópica (49).

Em o *Léxico de lacunas*, as marcas de uso têm como base a diatopia, isto é, o uso linguístico situado no espaço, de modo que as dimensões sociolinguísticas indicadas por esse segmento informativo associam-se, em primeira instância, a uma noção geográfica que segue uma hierarquia do tipo Estado > Região > Zona > Local, articulando-se a um aspecto do léxico em uma situação sociocomunicativa. Em contrapartida, o *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*, tendo em vista a densidade das fontes e o contato com informantes, as marcas de uso apresentam uma maior clareza em relação às tipologias, operando-se com uma diversidade de rótulos.

Considerações finais

Buscou-se, neste trabalho, valendo-se do aparato teórico-metodológico da lexicografia teórica, apresentar uma comparação entre duas obras lexicográficas de língua portuguesa que se propuseram, no século XX, a descrever e destacar o léxico brasileiro e suas particularidades, sob a égide da representatividade linguística e de construção de uma identidade nacional. Particularmente, foram examinados o *Léxico de lacunas, subsidios para os dicionarios da lingua portugueza* (1914), de Afonso de Taunay, e o *Novo Dicionário da Gíria Brasileira* (1956), de Manuel Viotti. A pesquisa se direcionou à comparação das propostas das obras e suas respectivas estruturas, identificação das fontes e levantamento, sistematização e contraste das marcas de uso empregadas.

No que concerne à caracterização do léxico, notou-se que nas obras houve o predomínio do que Faulstich (2004) considera por **brasileirismo terminológico**, isto é, “palavra, locução e outra estrutura sintagmática criada e formada no Brasil, que tenha significado autônomo e esteja encerrado num conceito de especialidade, que possibilite reconhecer a área a que pertence” (FAULSTICH, 2004) e uma recolha de brasileirismos que se adequam à seguinte descrição de Afrânio Peixoto:

[...] decidiu a Academia Brasileira considerar como tais [brasileirismos] as palavras de uso nacional, estranhas ao hábito lusitano, umas de origem regional, outras de gíria das capitais, quando todavia autorizadas ou abonadas por um escritor. O seu dicionário [da Academia] deverá recolher todos estes vocábulos e expressões — nossa colaboração à língua comum — com essas respectivas abonações. (PEIXOTO, 1924).

Note-se que os maiores índices de marcas de uso identificados na pesquisa situam-se justamente no âmbito diatópico e diastrático, referindo-se essencialmente às dimensões geográficas e sociais dos usos linguísticos.

Sem pretensões de desenvolver um trabalho completo, defende-se que as referidas obras constituem peças importantes para uma compreensão e estudo da história do léxico brasileiro, em função do contexto histórico em que estão inseridas, assim como pelo exercício metalexigráfico que mobilizou a seleção de fontes diversificadas e a marcação de dimensões sociolinguísticas ao vocabulário do português brasileiro registrado.

Referências

- ATKINS, B.; RUNDELL, M. **The Oxford Guide to Practical Lexicography**. New York: Oxford University Press, 2008.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma interpretação à lexicografia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2003.
- BURKHANOV, I. **Lexicography: A Dictionary of Basic Terminology**. Rzeszow: WWP, 1998.
- FAULSTICH, E. **Dois questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos**. Jornada sobre “Variación Geolectal i Terminologia”, Barcelona: Red Panlatina de Terminologia

Realiter/ IULAterm/Institut Universitari de Linguística Aplicada, 2004. Disponível em: <http://www.realiter.net/wp-content/uploads/2013/07/Duas-quest%C3%B5es-em-discuss%C3%A3o-o-que-s%C3%A3o-brasileirismos-nos-dicion%C3%A1rios-de-L%C3%ADngua-Portuguesa_-Existem-brasileirismos-terminol%C3%B3gicos_1.pdf>. Acesso em: 15 set. 2021.

FIGUEIREDO, V. C. **Marcas de uso de regionalismos no “dicionário aurélio da língua portuguesa”**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2015.

HARTMANN, R.; JAMES, G. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 2002.

MOTA, N. A.; CERQUEIRA, I. B.; AZEVEDO, I. C. M. Gramatização do português brasileiro no século XIX e XX e início do século XXI. *Entrepalavras*, [S.l.], v. 7, n.2, p. 552-567, 2017. Disponível em:

<<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/886/449>>.

Acesso em: 02 set. 2021.

NASCIMENTO, I. P. S. **Lexicografia dialetal brasileira: o estado da arte no século XX (1920-1959)**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2020.

NUNES, J. H. **Léxico de Lacunas: quando a representação da língua falha**. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 3, p. 61-69, 2008. Disponível em:

http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_07.pdf. Acesso em: 13 ago. 2021.

PEIXOTO, Afrânio. **Brasileirismos**. *Revista de Filologia Portuguesa* n. 6-9. São Paulo: Nova Era, 1924, p. 1-52.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, SP: Ática, 2001.

TAUNAY, A. E. **Léxico de Lacunas**. Tours: Imprimerie E. Arrault et Cia, 1914.

VILARINHO, M. M. de O. **Marcas de uso: estudo e proposta**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 2, p. 375-396, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8649150>. Acesso em: 13 ago. 2021.

WELKER, H. A. Questões teóricas genéricas. In: XATARA, C.; BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, P. R. M.; WELKER, H. A. (Org.). **Dicionários na teoria e na prática**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 30-31.

Submetido em 10 de outubro de 2021.

Aprovado em 20 de dezembro de 2021.